Lição 23 - O Meio do Tato (Continuação). Seu Órgão e Objeto

TEXTO 423a23–424a15 - LIVRO II, CAPÍTULO XI, CONTINUAÇÃO

> *Surge um problema, partindo do pressuposto de que todo corpo tem profundidade, isto é, a terceira dimensão. Corpos que têm [entre si] um meio que é um corpo não podem tocar-se uns aos outros. Ora, todo líquido envolve corpo, e assim também tudo o que é molhado; deve ser ou água ou conter água. Mas as coisas em contato umas com as outras na água necessariamente têm água como meio cobrindo suas extremidades, a menos que estas últimas estejam secas. Se isso é verdade, é impossível para um corpo tocar outro na água. O mesmo vale para o ar (pois o ar está para as coisas que nele estão como a água está para as coisas na água), embora esse fato seja menos evidente para nós, assim como os animais que vivem na água ignoram que os corpos que se tocam na água estão todos molhados. §§ 530-40*
>
> *A questão, então, é se há um único modo de sentir para todos os objetos do sentido, ou modos diferentes para objetos diversos. Isso último, à primeira vista, parece ser o caso — o paladar e o tato sendo efetuados por contato, os outros à distância. Mas não é assim: percebemos o duro e o macio através de algo interveniente, assim como fazemos com o audível, o visível e o odorífero. Mas desses objetos, alguns operam à distância, outros de perto. É por isso que o fato nos escapa: de fato percebemos tudo através de um meio, mas o fato não é evidente nestes últimos casos. Na verdade, como dissemos antes, se percebêssemos todos os objetos táteis através de uma membrana, sem saber o que estava interposto, pensaríamos que tocávamos os próprios objetos, como agora fazemos no ar e na água: pois nestes casos pensamos que tocamos os objetos e que não há meio. §§ 541-2*
>
> *Mas o tátil difere do visível e do audível; pois percebemos estes últimos na medida em que o próprio meio produz algum efeito em nós; enquanto o tátil nos afeta não tanto através do meio, mas com o meio, simultaneamente, como quando alguém é atingido em um escudo. Pois o escudo não golpeia seu*

> *portador depois de ser ele mesmo golpeado; mas ambos são golpeados ao mesmo tempo. §§ 543-4*
>
> *Parece, em geral, que a carne e a língua estão para o órgão do sentido precisamente como a água e o ar estão para a visão, a audição e o olfato, cada um em relação ao seu respectivo sentido. Quando o órgão do sentido é tocado (como quando se coloca um objeto branco na superfície do olho), nenhuma sensação é produzida em ambos os casos. Assim, o órgão do tátil é interno; pois o mesmo acontece neste sentido como nos outros; o que é colocado sobre o órgão eles não percebem. O que, no entanto, é colocado sobre a carne eles percebem; a carne, então, é o meio do tato. § 545*
>
> *Os objetos táteis variam, portanto, com as diferenças do corpo enquanto tal — quero dizer, as diferenças pelas quais os elementos são distinguidos, como quente e frio, úmido e seco, como é afirmado em nossa obra sobre os elementos. O órgão do sentido para estes, o tátil, no qual o sentido chamado tato está principalmente alojado, é a parte em potência para essas qualidades. Pois perceber é receber uma impressão. Assim, o que quer que faça o órgão ser tal como ele mesmo é em ato, o faz, sendo o órgão em potência para isso. Portanto, não percebemos o que tem calor, ou frio, ou dureza ou maciez em exata similitude com nosso próprio calor, e assim por diante, mas antes os extremos destes: o sentido estando, por assim dizer, em um estado médio entre os extremos contrários nos objetos percebidos; é assim que ele discrimina entre eles. Pois um meio é discriminativo; na presença de qualquer extremo, ele se torna o contrário. Assim como tudo o que é para perceber preto ou branco não deve ter nenhum destes em si mesmo em ato, mas ambos em potência (e assim com os outros objetos do sentido), também o tato deve ser em ato nem quente nem frio. §§ 546-8*
>
> *Além disso: assim como a visão é, de certo modo, do visível e do invisível (e similarmente com o resto de tais opostos), também o tato é tanto do tátil quanto do intátil. O intátil é o que tem a qualidade distintiva dos táteis em grau muito pequeno, como o ar é afetado; e também o excessivamente tátil, tais como as coisas destrutivas.*
>
> *Agora dissemos em esboço algo sobre cada um dos sentidos. §§ 549-50*

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO VINTE E TRÊS

§ 530. Tendo mostrado como o tato requer um meio que é da natureza de quem toca, o Filósofo pergunta se ele precisa de um meio extrínseco. E sua resposta contém dois pontos: primeiro, mostra que o tato não ocorre sem um meio extrínseco; em seguida, em 'A questão, então, é se', mostra como o tato e o paladar diferem dos outros sentidos que percebem através de um meio

extrínseco.

Primeiro, então, ele observa que, no caso do tato, pode-se duvidar se ele possui um meio extrínseco, visto que vimos que o meio do tato é uma parte natural de nós mesmos. A dúvida pressupõe que todo corpo tem profundidade, i.e., uma terceira dimensão. E, de fato, é claro que todo corpo tem três dimensões: comprimento, largura e profundidade; daí se segue que, sempre que dois corpos têm outro entre eles, os primeiros corpos não estão em contato direto; eles devem ser divididos por uma dimensão.

§ 531. Também é evidente que, sempre que há um meio líquido ou úmido, deve haver algum tipo de corpo. Pois a umidade é uma qualidade e deve existir em um corpo como seu sujeito. Ou reside em um corpo essencialmente, e então há um líquido, e.g., água; ou existe em virtude de algum corpo adventício, e então há algo que é úmido, i.e., que tem água em sua superfície apenas, ou em sua superfície e também por todo ele; então ele diz que todo corpo úmido ou molhado deve ser líquido ou 'conter' líquido. Ora, é claro que corpos que se tocam na água têm a água como um meio entre eles cobrindo suas superfícies externas — caso contrário, estariam secos na água, o que é impossível; pois tudo o que está na água deve estar molhado, no sentido de que a água cobre suas superfícies. A água, então, é o meio entre duas coisas que se tocam na água; donde se segue que é impossível que um corpo toque outro imediatamente na água. E o mesmo vale para o ar, que é um fluido como a água.

§ 532. Pois o ar flui ao redor das coisas que estão no ar, assim como a água ao redor das coisas na água; mas é muito menos perceptível para nós que o ar é um meio desse tipo do que a água, por estarmos continuamente no ar, de modo que ele nos envolve imperceptivelmente. Da mesma forma, os animais que vivem na água não percebem que, quando dois corpos se tocam, suas superfícies estão molhadas; pois, estando habitualmente na água, não notam a água entre eles e os corpos que estão tocando. Há também esta outra razão pela qual o fato é menos evidente para nós no caso do ar do que da água: o ar é mais sutil e menos perceptível aos sentidos. Portanto, sempre que tocamos algo, há sempre um meio entre nós e a coisa tocada, seja ar ou água.

§ 533. Mas uma questão se impõe. O meio para qualquer sentido deve ser desprovido das qualidades sensíveis por ele percebidas — como o diáfano incolor. Mas obviamente o ar e a água têm qualidades táteis; então parece que eles não podem ser o meio para o tato.

§ 534. Averróis responde que não somos afetados pelo ar puro ou pela água pura. Nada é passivamente afetado, ele diz, exceto por seu oposto, de acordo com o princípio da passividade; mas o ar e a água não são contrários a nós, eles são, de fato, aparentados a nós, da mesma forma que o lugar para o que está localizado nele. Portanto, nosso tato não é afetado pelo ar e pela água, mas pelas qualidades extrínsecas a eles. As qualidades táteis percebidas no ar e na água se devem à sua combinação com corpos extrínsecos. Assim como o fogo nunca perde seu calor, a água nunca perde a qualidade própria da água; e se alguma vez percebemos calor, isso se deve à mistura de algum corpo extrínseco.

§ 535. Ora, esta resposta contém vários erros. Primeiro, é falso afirmar que o ar e a água não afetam nossos corpos, como sendo aparentados a eles à maneira de uma localidade para o que nela está colocado. Pois, claramente, nossos corpos obtêm seu lugar na natureza, assim como seu

movimento natural, do elemento que predomina neles; e, consequentemente, relacionam-se com a localidade e o ambiente material como elementos localizados a elementos localizadores. Mas elementos contíguos mutuamente se afetam nos pontos de contato, como é mostrado na *Meteorológica*, Livro I. Nossos corpos, portanto, estão naturalmente sujeitos à influência dos elementos.

§ 536. Além disso, tudo o que está em potência, como tal, está disposto a receber a influência do que está em ato; e nossos corpos, estando num estado médio entre os extremos das qualidades táteis nos elementos, relacionam-se a essas qualidades como potência a ato. Pois, como veremos, um meio está em potência para os extremos. É evidente, então, que nossos corpos estão dispostos a ser influenciados pelas qualidades elementares e a percebê-las.

§ 537. Este erro de Averróis vem de sua falha em distinguir os elementos como contrários entre si e como aparentados e contendo (como a localidade contém o localizado) um ao outro.

§ 538. Note-se, então, que os elementos podem ser considerados de duas maneiras: de uma maneira, em termos de qualidades ativas e passivas, e nesse sentido eles são contrários entre si e agem uns sobre os outros em seus pontos de contato; mas de outra maneira, em termos de suas formas substanciais derivadas da influência dos corpos celestes. Ora, os elementos são formais na medida em que são aparentados aos corpos celestes; e, uma vez que é da essência da forma ter o caráter de um todo inclusivo, segue-se que um corpo superior, como tal, contém seu inferior e está para este como um todo para uma parte que, embora parte, é, no entanto, um ser distinto; que é precisamente a relação da localidade para o localizado. E, portanto, a função de localizar e conter é derivada aos elementos do princípio localizador primário, o corpo celeste. Donde se segue também que a localidade e o movimento local pertencem aos elementos em virtude de suas formas substanciais, não de suas qualidades ativas e passivas.

§ 539. Outro erro é este: que ele diz que o ar e a água não sofrem mudanças exceto por mistura com algo extrínseco. Pois é evidente que o ar e a água são, em algum grau, destrutíveis; mas a destruição e a geração podem ocorrer nos elementos sem qualquer mistura e, no entanto, envolvem mudança, como é provado no *De Generatione*. Portanto, enquanto a água permanece água, sua qualidade natural pode ser mudada sem a mistura de nada extrínseco. O caso do fogo é bem diferente; sendo o mais formal e ativo dos elementos, os demais são materiais em relação a ele, como diz Aristóteles no Livro IV da *Meteorológica*.

§ 540. Pode-se dizer, então, que o ar e a água são facilmente mutáveis por qualidades extrínsecas, especialmente em pequenas quantidades, como a quantidade de ar e água entre dois corpos que se tocam. É por isso que o sentido do tato não é impedido pelo meio da água ou do ar. E, dos dois, o ar é menos um impedimento do que a água, pois suas qualidades táteis são dificilmente perceptíveis. Mas uma intensificação das qualidades táteis do ar ou da água, como quando se tornam extremamente quentes ou frios, impede, de fato, o sentido do tato.

§ 541. Então, quando ele diz 'A questão, etc.', mostra a diferença entre o tato e o paladar, por um lado, e os demais sentidos, por outro: primeiro rejeitando um suposto fundamento de diferenciação; segundo, estabelecendo a verdadeira diferença, em 'Mas o tangível difere.' No primeiro lugar, então, ele diz que esta questão do meio extrínseco do tato leva a perguntar se a

sensação de todos os objetos dos sentidos ocorre da mesma maneira, ou diversamente para objetos diversos — como, à primeira vista, parece que o tato e o paladar percebem por contato imediato, enquanto os outros sentidos apreendem seus objetos à distância.

§ 542. Mas esta diferença é ilusória; de fato, percebemos o duro e o mole e outras qualidades táteis, 'através de algo que intervém', um meio extrínseco, como os objetos dos outros sentidos, o audível, o visível e o odorífero. Mas, enquanto estes últimos objetos estão às vezes a uma longa distância do sentido, o saboroso e o tangível estão tão próximos que o meio é praticamente imperceptível e passa despercebido. Percebemos todos os objetos dos sentidos através de um meio extrínseco, mas isso não é notável no paladar e no tato; para repetir o que dissemos antes, se o meio do tato fosse uma membrana que nos cobrisse sem que notássemos, sentiríamos através de um meio de maneira semelhante à que realmente sentimos no ar ou na água. Pois, como é, imaginamos tocar os próprios objetos dos sentidos e que não há meio algum.

§ 543. Então, em 'Mas o tangível difere', tendo rejeitado a falsa diferença, ele afirma a verdadeira, observando que os objetos tangíveis diferem dos visíveis e audíveis no seguinte: enquanto percebemos estes últimos porque eles põem em movimento o meio, e o meio, por sua vez, nos move, percebemos objetos tangíveis não porque o meio nos moveu primeiro, mas como sendo movidos simultaneamente com o meio, pelo objeto do sentido. É como quando um homem é golpeado em seu escudo; o escudo, sendo golpeado, não golpeia então o homem; homem e escudo são golpeados simultaneamente.

§ 544. Tampouco essa simultaneidade deve ser entendida apenas na ordem temporal; pois, na visão, o meio é afetado pelo visível e o olho pelo meio, e, no entanto, a visão ocorre sem sucessão no tempo. O olfato e a audição, contudo, ocorrem com alguma sucessão temporal, como se diz no *De Sensu et Sensato*. A sucessão se deve ao modo como a causa da ação opera; pois, enquanto nos outros sentidos uma alteração no meio é, em si, a causa de o sentido ser afetado, isso não ocorre no tato; pois, nas outras sensações, o meio está presente necessariamente, enquanto no tato é apenas um acompanhamento acidental, devido ao fato, por exemplo, de que os corpos em contato estão úmidos.

§ 545. Em seguida, quando diz "Parece, em geral", ele conclui a verdade sobre o sentido do tato: com relação (a) ao meio; (b) ao órgão, em "Os objetos táteis variam"; e (c) ao objeto apreendido por esse sentido, em "Além disso: como a visão etc.". Primeiramente, então, ele observa que a carne e a língua parecem estar relacionadas ao órgão do tato assim como o ar e a água estão relacionados aos órgãos da visão, audição e olfato. Ora, em nenhum desses últimos sentidos a sensação pode ocorrer se o próprio órgão for tocado; assim, um corpo branco colocado sobre a superfície do olho é invisível. Donde se segue que o órgão do tato é interno; pois esse sentido funciona da mesma maneira que os outros; e se os animais podem perceber objetos sensíveis colocados sobre sua carne, é evidente que, se a carne não é precisamente um órgão dos sentidos, certamente é um meio de sensação.

§ 546. Em seguida, em "Objetos táteis", ele explica a natureza do órgão do tato. As qualidades táteis, diz ele, são as diferenciações do corpo precisamente como corpo, ou seja, as diferenças que diversificam os elementos, a saber, seco e úmido, quente e frio, das quais Aristóteles trata em sua obra sobre os elementos, o *De Generatione et Corruptione*.

§ 547. Pois é claro que o órgão do tato, no qual reside primariamente o sentido chamado tato, é uma parte do corpo em potência para essas diferenciações. Todo órgão do sentido é passivo em relação ao seu objeto, porque a sensação é uma espécie de recepção; se o objeto sensível, que é o agente na operação, reduz o sentido a uma condição semelhante a si mesmo, o sentido era anteriormente potencialmente tal. É por isso que, na medida em que o órgão do tato já possui atualmente alguma qualidade, ele não percebe essa qualidade. Não sentimos uma coisa como quente ou fria, dura ou mole, na medida em que essas qualidades já estão presentes no órgão do tato; antes, percebemos tais qualidades táteis que excedem aquele estado médio entre os contrários táteis no qual esse sentido propriamente consiste. Pois, assim como um meio é potencial para os extremos, também o órgão do tato pode discernir os extremos das qualidades táteis. Ele pode ser afetado por qualquer extremo porque, em comparação com cada um, tem a natureza do outro: por exemplo, em comparação com o calor, o morno é frio, mas em comparação com o frio, é quente. Assim, o meio é passivo para ambos os extremos, sendo, de certa forma, o oposto de cada um. Assim como o órgão que conhece o branco e o preto não tem nenhum deles em ato e ambos em potência (e o mesmo vale para os outros sentidos), assim também ocorre, e necessariamente, com o sentido do tato: seu órgão não é nem quente nem frio, mas em potência para ambos.

§ 548. Mas isso ocorre de modo especial no tato. Na visão, por exemplo, o órgão em potência para o preto e o branco está completamente livre tanto do preto quanto do branco, pois é totalmente incolor. Mas, no caso do tato, o órgão não pode ser completamente privado de calor e frio, umidade e secura, pois é composto de elementos que possuem essas qualidades essencialmente. Antes, o órgão do tato está em potência para seus objetos como um meio entre extremos, potencial para qualquer extremo. Donde se segue que, quanto mais próxima a composição de um animal estiver do estado de equilíbrio perfeito, mais apurado será seu tato; e é por isso que o homem, entre todos os animais, tem o tato mais fino, como vimos.

§ 549. Em seguida, em "Além disso: como a visão", ele conclui sobre o objeto do tato. Como a visão, diz ele, é do visível e do invisível, e os outros sentidos também são de opostos (como a audição do som e do silêncio), assim o tato é tanto do tangível quanto do intangível. "Intangível" é dito de duas maneiras: ou daquilo que tem uma qualidade tangível em excesso que destrói o sentido, como o fogo; ou daquilo que tem tangibilidade muito leve, como o ar. Ambos são chamados de intangíveis porque ambos são difíceis de perceber pelo tato.

§ 550. Resumindo, ele diz que tratou "em linhas gerais", isto é, de maneira sumária, de cada um dos vários sentidos. Pois ele os aborda mais detalhadamente no *De Sensu et Sensato*.

Revision #2
Created 4 October 2026 19:54:16 by Admin
Updated 11 October 2026 22:18:22 by Admin